



Portugal deverá acolher cerca de 4.500 refugiados, que chegaram à Europa sobretudo vindos da Síria

## RISCO DE CONFLITO AFASTA ACOLHIMENTO EM FAMÍLIA

Joana Ferreira da Costa\*

joana.f.costa@sol.pt

Para prevenir conflitos, a Plataforma de Apoio aos Refugiados afastou a ideia de pôr migrantes a viver em casas de famílias. A opção é alojá-los em locais autónomos. Técnicos explicam que nem «**todos estão preparados**» para receber estas pessoas.

Apesar de várias dezenas de portugueses já se terem oferecido para receber refugiados em sua casa, a Plataforma de Apoio aos Refugiados (PAR) receia que essa situação crie conflitos nas famílias e por isso optou por avançar com outro modelo de acolhimento.

«**Defendemos é que cada família de migrantes tenha um alojamento autónomo, sendo acompanhada por uma família portuguesa**», explicou ao SOL Rui Marques, considerando que «**há um risco elevado de se criarem situações de conflito**» se os refugiados ficarem em casa dos portugueses, porque este tipo de apoio é pesado e vai arrastar-se durante, pelo menos, dois anos. «**Em pouco tempo, podemos passar de uma boa vontade generosa a uma fonte de problemas**», refere.

Também o diretor do Serviço Jesuíta para os Refugiados em Portugal (JRS) alerta que o acolhimento em casa de famílias, que está a ser adotado em França, obriga a uma

seleção mais exigente destes lares. «**Nem todas as pessoas estão preparadas para a realidade destes migrantes, que têm traumas que desconhecemos, que poderão ter visto morrer familiares, ter sido torturados e precisam de um grande acompanhamento**», defende André Jorge Costa.

Para o sociólogo Pedro Góis, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, não há dúvidas que é mais seguro o modelo de acolhimento proposto pela PAR, em que os refugiados ficam sob a tutela

de instituições com quem assinam um contrato de direitos e deveres, contando depois com a ajuda de famílias portuguesas para os integram na comunidade. «**Acolher uma família de refugiados em sua casa implica tornar-se responsável por ela. E se estes refugiados de repente, abandonarem o país sem aviso?**» — questiona o professor universitário, lembrando que o acolhimento sob a responsabilidade de uma instituição oferece mais garantias e também facilita o controlo de todo o processo de integração.

Para este professor, a grande dificuldade que estes refugiados vão encontrar em Portugal não será a língua nem os choques culturais, mas sim conseguir um emprego que lhes permita tornarem-se independentes. «**A economia pode não crescer o suficiente para dar respos-**

ta a esta vaga: há o risco sério destes refugiados não terem onde trabalhar».

### Governo faz levantamento de lugares em escolas

O Governo ainda não esclareceu se vai existir outro modelo para acolher os 4.500 refugiados, além daquele já acordado com a Plataforma.

Fonte oficial garante apenas que o Executivo vai «**privilegiar a integração [dos refugiados] na comunidade**» e que a sua distribuição no país será articulada com a oferta que está a ser organizada no terreno pelas instituições.

Neste momento, sabe o SOL, o Executivo está a ultimar o levantamento exaustivo das capacidades do país em termos de alojamento, educação, ensino do português e cuidados de saúde, que serão garantidos

aos refugiados durante o tempo que ficarem em território nacional, que não será inferior a dois anos.

Esse mapa de ofertas foi pedido pelo Governo aos municípios e à PAR, que tem centralizado as propostas da sociedade civil, recolhendo já ofertas de mais de 100 instituições e quase seis mil voluntários.

Todos os dias, chegam à PAR novas inscrições: desde escolas privadas que querem acolher famílias, a cidadãos e paróquias que oferecem casas. O pároco lisboeta de S. Vicente de Paulo, Francisco Crespo, já se candidatou para albergar uma família numa casa cedida por uma paroquiana que morreu. «**Temos capacidade para dar apoio na alimentação, nas despesas, na escola das crianças, no vestuário e para arranjar trabalho para o casal no Centro Paroquial**», explicou o sacerdote que aguarda agora resposta da PAR.

No seu bairro, aliás, já vive uma família de refugiados da guerra na Síria, de onde fogem a maioria dos migrantes que chegam à Europa. A família, uma casal com dois filhos pequenos, saiu da Síria e, este verão, chegou por sua iniciativa a Portugal. Ao padre apenas pediu apoio para a entrada das crianças na creche.

\*com Rita Carvalho

### ➔ INICIATIVAS

#### Caravana leva apoios para a Hungria

Um grupo de cidadãos portugueses organizou uma caravana de carrinhas que parte este fim de semana para a Hungria, levando ofertas de roupa, comida, brinquedos e artigos de higiene para os refugiados.

#### Petições contra refugiados

Mais de 40 petições online foram lançadas nos últimos dias, a grande maioria para contestar a entrada em Portugal de refugiados. As duas mais ativas reuniram até ontem 15 mil assinaturas cada.

#### Comissariado das Migrações cria site

Alto Comissariado para as Migrações vai criar um site com informações sobre as necessidades de acolhimento de refugiados e onde instituições e cidadãos podem fazer propostas de resposta.